ENVELHECIMENTO E GÊNERO: A feminização da velhice

Yohana Tôrres Monteiro[1]
Daniele Eduardo Rocha[2]

RESUMO

Neste trabalho, buscaremos realizar uma reflexão sobre o envelhecimento feminino na sociedade brasileira, tendo por base o envelhecimento de forma geral da população em nosso País. Mediante revisão da literatura, encontramos diversos estudos nacionais e internacionais que abordam como os papéis sociais de gênero se revelam no cotidiano da vida dessas mulheres. Questionando a dimensão subjetiva da mulher como ser frágil, débil e intelectualmente inferior. Ao recusar o destino feminino ao mundo privado.

Palavras-chave: “Gênero”; “Velhice”; “Feminização”.

ABSTRACT

In this work, we will seek to carry out a reflection on aging female brazilian society,based on the overall aging of the population in our country. Upon review of the literature, we found several national and international studies that address how the social roles of gender reveal themselves in the everyday life of these women. Questioning the subjective dimension of women as fragile, weak and intellectually inferior. In refusing the female target the private world.

Keywords: “Genre"; "Old age"; "Feminization".

[1] Estudante. Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: yohanatorres17@hotmail.com 2 Assistente Social. Mestre em Políticas Públicas e Sociedade pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora do Curso de Serviço Social (UECE). E-mail: daniele.rocha@uece.br
[2] Assistente Social. Mestre em Políticas Públicas e Sociedade pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora do Curso de Serviço Social (UECE). E-mail: daniele.rocha@uece.br

I. INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional mostra-se hoje como um fenômeno mundial[3]. Em tempo algum, a população mais velha na história chegou a um número tão grande no mundo no decorrer do tempo. E isso se deve a alguns fatores como: a melhoria no acesso a saúde, o avanço da indústria farmacêutica, a redução da fecundidade, a queda da taxa de mortalidade, entre outros (MENEZES, 2012).

O tema velhice começou a ser tratado mais fortemente pela sociedade civil em debates, discussões, conferências; que se deu a partir da década de 1970, quando enfatiza-se as expressões da questão social com o aumento da população idosa, requerendo do Estado respostas para o seu enfrentamento, mediante políticas públicas. O que foi conseguido a partir de lutas dos movimentos sociais. Destacam-se a Constituição Federal de 1988, a Lei Orgânica da Assistência Social (Lei Federal nº 8.742), a Política Nacional do Idoso (Lei 8842/94), o Estatuto do Idoso (Lei 10741/2003) e a Política Nacional de Assistência Social (PNAS), de 2004. Essas legislações são analisadas como grandes avanços pela sociedade civil, representando conquistas para a cidadania e os direitos da pessoa idosa, que são conquistas de leis sancionadas para o segmento da velhice. O Estatuto do Idoso considera como velhas pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, critério etário posto pela referida legislação para classificar alguém como velho no Brasil (ROCHA, 2015).

De acordo com projeções das Nações Unidas (Fundo de Populações, 2010)[4], em 2012, 810 milhões de pessoas tinham 60 anos ou mais, constituindo 11,5% da população global. Já no Brasil, segundo a pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011), a população idosa totaliza 23,5 milhões de pessoas. Comparado aos anos de 2009 e 2011, tem-se um aumento significativo de 7,6%. São Paulo é o estado com o maior número de idosos: 5,4 milhões. O Plano de Ação para o Desenvolvimento (2003) aponta que até o ano de 2050 o número de idosos aumentará aproximadamente de 600 milhões para quase 2 bilhões. E pela primeira vez na história teremos mais pessoas acima de 60 anos que menores de 15.

[3] Desde o primeiro censo demográfico (1872) ao mais recente (2010).
[4] Conferir o link: http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa/dados-estatisticos/DadossobreoenvelhecimentonoBrasil.pdf. Acesso em 18/12/2016, às 16h:30min.

Rocha (2015) destaca que o crescimento populacional [5]do segmento de velhos traz novas necessidades, demandando serviços, políticas públicas, benefícios assistenciais e previdenciários voltados para os velhos, permitindo um envelhecimento com maior qualidade de vida e dignidade. Dessa forma, desde a segunda metade do século XX, fez-se necessário discutir acerca dos direitos e do bem-estar da pessoa idosa, bem como da criação de políticas públicas e sociais que pudessem atender a essa população.

O fator econômico também merece destaque para a compreensão do referido segmento. A aposentadoria, muitas vezes, é a única garantia de subsistência nessa faixa etária, após anos de trabalho e contribuição à Previdência Social. Mostra-se, assim, de forma alarmante, as contradições do sistema capitalista, marcado pela intensa luta de classes. E, ainda mais o velho, vai ser rejeitado, haja visto o interesse do capital voltado ao novo, à novidade; que desqualifica o passado, por ter chegado ao final de sua produtividade. (PAIVA, 2005)

II OS OLHARES EM TORNO DA VELHICE

O conceito de envelhecimento vem adquirindo várias conotações ao longo dos tempos. Desde o “ancião respeitável” - com experiência acumulada e valorizada, ao velho – caracterizando tudo o que está gasto e degradado, entendido tanto como ócio, inutilidade, inatividade, como em seu oposto, produzindo juízo de uma etapa destinada a novas oportunidades e prazeres, a uma segunda vocação, ao descanso e a uma espécie de “idade do extra”, “idade do lucro”. (NEGREIROS, 1999 apud NEGREIROS, 2004). Camarano traz,

> [...] que se vive um momento de redefinição de papéis para todas as gerações: a ideia de que a velhice traz perdas está sendo substituída [...] esta é uma fase de preenchimento. Um momento em que se pode fazer coisas que não podiam fazer ao longo da vida porque tinha que cuidar de filhos, tinha que trabalhar pra ganhar dinheiro, etc. [...] E conclui: [...] eu acho que é um perigo, a gente fazer generalização sobre essa fase da vida. Na verdade, a gente pode dizer que a ultima fase da vida, seja de uma perspectiva negativa ou de uma perspectiva ativa, qualquer que seja a generalização, ela pode ser perigosa. A gente tem que reconhecer, que tem havido grandes avanços, mas que há uma necessidade de uma nova visão para encarar essa fase da vida de outra forma. (FNMI, 2012, p. 32).

A velhice não é marcada pelo fator cronológico, excepcionalmente. Ela é socialmente construída. Logo, a velhice irá assumir papéis e significados diferentes conforme a sociedade e a época em que é enfocada. A velhice é naturalmente um fator

[5] Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida. In: Estudos & pesquisas: informação demográfica e socioeconômica. Rio de janeiro: IBGE; 2007.

biológico que acarreta mudanças e transformações: externas e internas (psicológicas), que demonstram e evidenciam as marcas de sua experiência. (MENEZES, 2012)

> O sentido de ser "velho" está ancorado nos valores políticos, sociais e culturais de cada sociedade, o que implica dizer que a concepção da velhice é (re) construída a partir do predomínio dos valores vigentes nos diferentes espaços temporais. Sendo assim, a forma que o idoso é visto pela sociedade é produto da externalização dos princípios arraigados nos integrantes do seio social. Neste sentido, majoritariamente, nos países de cultura Oriental, os idosos são reverenciados por serem dotados de prudência, de conhecimento acumulado e fonte de sabedoria, ao passo que na maioria dos países de cultura Ocidental, principalmente, no Brasil, a velhice se torna motivo de constrangimento, de vergonha e é rotulada de maneira pejorativa. [...] (LEITE, P. 3, 2012)

Rodrigues (2000) ressalta que há duas formas de compreender a velhice: numa delas a velhice é entendida como um momento de perdas, inutilidade. Na segunda forma, ela traz a velhice associada à visão de realizações. "Esta nova visão do envelhecimento vem associada ao lazer" (RODRIGUES, 2000). Essas ambiguidades se naturalizam dentro das sociedades pelo fato de as pessoas não aceitarem o seu próprio envelhecimento e buscarem entender, de alguma maneira, a representação real do envelhecimento (SILVA, 2007). A forma exagerada de valorizar a juventude, própria da sociedade moderna, colabora de forma significativa para desvirtuar o conceito de velhice (AZEVEDO, 2008). Percebemos a categoria Velhice rodeada de tabus e especulações no senso comum. Motta (1999, p.211) aponta em seu texto que,

> [...] na sociedade moderna ocidental, ser velha é sobretudo, ter perdido uma importante e não fala da condição social de reprodutora.... mas é também, ir conseguindo (ou ter conseguido) a libertação de certos controles societários que se referiam justamente a reprodução e a tolheram durante toda a juventude. Essa libertação vem, surpreendentemente, entusiasmando as mulheres idosas, a ponto de, por vezes, obscurecer-lhes a percepção de toda uma gama de preconceitos sociais ainda vigentes em relação aos velhos e as mulheres.

Motta (1999, p. 191) traz, ainda, que "ser velho é uma situação vivida em parte homogeneamente e em parte diferencialmente, de acordo com o gênero e a classe social dos indivíduos em um grupo de idade ou geração.". Ou seja, a velhice é diferenciada seja esta por gênero e/ou classe.

> Na atualidade, entretanto, vai-se tornando possível às mulheres idosas assumirem outro comportamento, darem outro rumo ao curso de suas vidas. O exercício conjunto de novas experiências permite exorcizar antigas representações, fazendo surgir uma nova imagem de mulheres idosas; agora alegres, participativas, dinâmicas, independentes. (HITA, 2005, p. 110)

De acordo com Simone de Beauvoir (1990, p. 9), "velho é sempre o outro"; essas marcas do tempo são mais visíveis e implacáveis pela exterioridade, situação de difícil entendimento e conciliação com o sentimento do tempo interiorizado para cada um (a): "Será que me tornei, então, uma outra, enquanto permaneço eu mesma?" (BEAUVOIR, 1990, p.348).

Os sinais da velhice nos são dados pelos outros, pela exterioridade, já que continuamos sendo nós mesmos. Beauvoir (1990, p.348) afirma: "[...] a velhice aparece mais claramente para os outros, do que para o próprio sujeito [...]"

A própria Simone de Beauvoir (1990, p.353) se espanta em seu livro: "Eu estremeci, aos 50 anos, quando uma estudante americana me relatou a reação de uma colega: 'Mas então, Simone de Beauvoir é uma velha!'." Demonstrando assim, que a velhice chega sem percebemos.

III GÊNERO

Beauvoir é a pioneira nos estudos de gênero e velhice na metade do século XX. Ela traz em um dos seus livros que, "a sociedade destina ao velho seu lugar e seu papel levando em conta sua idiossincrasia individual: sua impotência, sua experiência [...] o indivíduo é considerado pela atitude prática e ideológica da sociedade em relação a ele" (BEAUVOIR, 1970, p. 74). Ou seja, já se tem ditames sobre o que é ser velho. Porém tudo isso muda na entrada do século XXI. Ser velho hoje é diferente de há 40 anos atrás.

Kehl (2016) ressalta que a adequação das mulheres ao padrão de feminilidade que ainda sobrevive hoje faz parte do imaginário social moderno transmitido pela educação, pelos parentes, pelo senso comum, pela religião e também pela produção científica que determina o que cada mulher deveria ser para ser verdadeiramente uma mulher. Porém, o imaginário social não é unívoco. E assim os ideais de autonomia do sujeito contrapunham-se aos ideais de submissão feminina, aos ideais de domesticidade, ideais de uma vida predestinada ao casamento e à maternidade. Desde a cultura europeia dos séculos XVIII e XIX, as mulheres eram adequadas ao conjunto de atributos, funções, predicados e restrições denominado feminilidade, a ideia de que as mulheres formavam um conjunto de sujeitos definidos por sua natureza, anatomia e capacidade procriadora. A partir daí, atribui-se à mulher um pendor definido para ocupar um lugar social - a família e o espaço doméstico, onde se traça um único destino para todas as mulheres: a maternidade. E se espera delas, sua vocação natural: o recato, a docilidade, receptividade em relação aos desejos e necessidades dos homens, em seguida os filhos.

Scott (1988), no artigo *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*, traz conceituações e desconstruções dessas rotulações históricas. O gênero, agora, será tratado como uma construção social, onde irá se referir às identidades subjetivas históricas e sociais sobre os papéis dos homens e das mulheres. O gênero rejeita, portanto, as explicações biológicas que justificam o fato da subordinação, porque a mulher tem filhos e o homem uma

força muscular superior. Gênero é devir. Porém, já é construído historicamente e socialmente na sociedade, que o "macho" e a "fêmea" já tem ações e comportamentos repetitivos estabelecidos, que é naturalizado o seguimento desses comportamentos.

Albuquerque (2013, p. 23-24) aponta que, "[...] As práticas cotidianas de gênero [...] não estão determinadas nem pela genitalidade, nem pelos códigos de sexualidade. O gênero nem é natural, sendo uma criação histórica e cultural, nem está preso completamente a uma ordem dominante de prescrições."

IV GÊNERO E ENVELHECIMENTO: Uma reflexão necessária

As mulheres idosas superam o número de homens idosos à medida que a idade aumenta, de acordo com o senso do IBGE (2010). Motta (1999, p. 208) aponta que "o envelhecimento torna-se, realmente, uma questão global e particularmente "feminina", demandando pesquisas sobre as características e consequências desse "desequilíbrio" em sua complexidade social e subjetivas.".

Envelhecer hoje não é mais algo reservado a uma pequena parcela da população. É direito de todas as classes. E logo, a condição de gênero, especialmente a da mulher, se evidencia, porque: a maior parte dos velhos se constitui de mulheres. De acordo com Negreiros (2004, p. 80) "[...] 55% do contingente populacional brasileiro [6]com mais de 60 anos é composto por mulheres. Entre os de idade superior a 80 anos, essa proporção sobe para 60,1% [...] reduz-se a proporção de mulheres casadas e há um aumento de viúvas [...]41% viúvas". Acepção esta demográfica, pois essa diferença aumenta com a progressão do envelhecimento, já que a expectativa de vida das mulheres tende a ser maior que a dos homens; mas também, social, porque o modo de vida das mulheres vem contribuindo para essa maior longevidade. Descreve-se, então, a feminilização da velhice (SALGADO, 2002), que, pelo menos no Brasil, significa 60% da população idosa sendo composta por mulheres.

Para Motta (1997, p. 16):

> As condição de gênero tem sido absolutamente definidora da vida dos idosos, não apenas por constituir-se em dimensão fundamental da vida social e da análise mas sobretudo, no que se refere a geração porque homens e mulheres de mais idade, hoje, tiveram trajetórias de vida bastante diferenciadas, de acordo com prescrições sociais estabelecidas, no tempo social da juventude, para cada sexo em seu grupo

[6] Segundo o Censo Demográfico de 2000.

> de idade de modo que as situações existenciais atingidas hoje, em grande parte apenas culminam as expectativas sociais postas em seus caminhos.

Vale (2005, p. 53) destaca que a sociedade estabelece papéis para os dois gêneros, o feminino e o masculino, onde se fabrica "[...] ideias de masculinidade e feminilidade aos quais os indivíduos se referem para agir e se comportar a partir do pertencimento a um sexo ou ao outro. Em algumas sociedades o sexo biológico determina o sexo social [...]".

A velhice não é vivenciada, não é vivida da mesma forma para homens e mulheres. Por que? Esta é uma questão de gênero, que tem a ver com uma construção social, que define papéis, que atribui características consideradas naturais a homens e mulheres, mas que não são naturais, são características construídas socialmente, são produtos históricos.

Ser homem velho ou mulher velha, tem suas diferenciações, "[...] sabe-se que, em uma sociedade, é melhor ser homem do que ser mulher, ser jovem do que ser velho, portanto ser mulher e ser velha é duplamente desvalorizado" (SALGADO, 2002, p. 12). A nossa sociedade civil

> [...] leva a aceitar a visão de que enquanto os homens de idade avançada são "durões, rudes e viris", as mulheres estão "enrugadas". Os cabelos brancos e a calvície que fazem os homens parecerem "distintos e muito atrativos", mostram uma mulher em "decadência". [...] que reforçam constantemente o poder que emana do patriarcado. (SALGADO, 2002, p. 11-12)

Beauvoir (1990, p.364) irá ressaltar que: "[...] nunca se fala de 'bela velha'; no máximo se dirá 'uma encantadora anciã'." E compara com o que ocorre em relação à velhice do homem: "Ao passo que admitimos certos 'belos velhos'; o macho não é uma presa; não se exige dele nem frescor, nem doçura, nem graça, mas força e a inteligência do sujeito conquistador; os cabelos brancos e as rugas não contradizem esse ideal viril." (BEAUVOIR, 1990, p.364).

As mulheres velhas, retratadas principalmente na literatura, nos contos, nas histórias infantis são identificadas como feiticeiras, invejosas, bruxas, feias e más, e são sempre postas em confronto com mulheres jovens e belas (PAZ, 2000). Logo, teremos o contraste da imagem das avós trazidas nos contos como mulheres frágeis, dependentes, solitárias ou doentes. Tais imagens ficam no imaginário popular, reforçando estereótipos negativos sobre a velhice em geral e, especialmente, a velhice da mulher.

> Assim, a ideia de velhice e beleza, pelo menos para as mulheres, parece sempre inconciliável. Na velhice da mulher, sai de cena a imagem da mulher de formas perfeitas, corpo sensual ou símbolo sexual, evoca-se a figura da avó. Sem as possibilidades e atributos dessa mulher – real ou idealizada – à imagem da mulher velha é conotada a fragilidade, apatia, dependência, etc., típica dos estereótipos das avós. (HITA, 2005, p.110)

V CONCLUSÃO

Diante do exposto no curso desse estudo, percebemos as significações durantes essas últimas décadas acerca do que é ser mulher e ser velha no século XX e XXI, principalmente da mulher velha que vem passando por novas experiências, antes não permitidas, que deixa seus lares para se socializar no mundo a fora, que passa a ser mãe e pai ao mesmo tempo, que pode se divorciar do esposo opressor, infiel; ou seja, essa mulher, está tendo a "liberdade", até certo ponto de viver e experimentar momentos, vivências, cheiros, gostos; não imaginados antes.

Levando em conta que o Brasil é o décimo quinto país do mundo com o maior número da população idosa (E destacando que, de acordo com um levantamento do Pew Research Center, dos Estados Unidos, 2014, com dados da Organização das Nações Unidas (ONU), mostra que, em 2050, o Brasil subirá para a 9ª posição) e ressaltando também que o número de mulheres ultrapassa notoriamente o número de homens, dessa forma, conclui-se que existem muitas mulheres velhas em nossa sociedade. Infelizmente, esse é um dos segmentos populacionais que mais sofrem preconceito. De acordo com o IPEA (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas) (2000) "as mulheres (...) arcam com todo o ônus da discriminação de cor e de gênero", além das discriminações no âmbito social, cultural e político.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. São Paulo: Nova Fronteira, 1970.

HITA, Maria Gabriela. **GERAÇÃO, RAÇA E GÊNERO EM CASAS MATRIARCAIS**. IN: MOTTA, Alda Britto da; AZEVEDO, Eulália Lima; GOMES, Márcio Queiroz de Carvalho (orgs.). REPARANDO A FALTA: DINÂMICA DE GÊNERO EM PERSPECTIVA GERACIONAL. Coleção Bahianas. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia 2005.

INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA (IPEA). **O Perfil da Discriminação no Mercado de Trabalho** – Homens Negros, Mulheres Brancas e Mulheres Negras. 2000. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/TDs/td_0769.pdf> Acesso em: 10/03/17

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. 2º ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

LEITE, F. K. V. **A representação do "velho" no forró à luz de uma perspectiva discursiva.** 2012. 21f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - com habilitação em Língua Portuguesa)- Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2012.

MENEZES, Kelly. **Corpos velhos e a beleza do crepúsculo: Um debate sobre os (re) significados da corporeidade na velhice**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade). Universidade Estadual do Ceará, 2012.

MESQUITA, Paula. **Envelhecimento feminino**: Estilo de vida, afetividade e sexualidade aos 60. Tese (Doutorado em sociologia) Universidade Federal do Ceará, 2014.

MOTTA, Alda Britto. **As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento**. In Cadernos Pagu (13)- Gênero e Gerações (organizadora Guita Grin Debert). Núcleo de Estudo de Gênero/ UNICAMP, Campinas, 1999.

_____, **Palavras e convivência**- idoso, hoje. In Revista Estudos Feministas (5), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais /UFRJ, 1997.

NEGREIROS, T.C.G.M. **Sexualidade e gênero no envelhecimento**. ALCEU - v.5 - n.9 - p. 77 a 86 - jul./dez. 2004

PAIVA, Vilma Maria. **O idoso e a construção do envelhecimento saudável**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2005. P. 15-23.

PAZ, Serafim F. **Espelho**... Espelho meu! Ou das imagens que povoam o imaginário social sobre a velhice e o idoso. In: PAZ, Serafim F. et al. Envelhecer com cidadania: quem sabe um dia? Rio de Janeiro: CBCISS; ANG/Seção Rio de Janeiro, 2000. p.43-84.

ROCHA, Daniele Eduardo. **Velhice e sociabilidade**: estudo sobre o grupo de criação literária do tsi/sesc fortaleza. Dissertação(Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade). Universidade Estadual do Ceará. 2015.

SCOTT, Joan. **Gender**: a userful category of historical analysis. Gender and the politics of history. New York. Columbia University Press. 1988. [Em português: Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Recife. SOS Corpo e Cidadania. 1993)

VALE, Alexandre Fleming Câmera. **O vôo da beleza**: travestilidade e devir minoritário. Tese (Doutorado em sociologia). Universidade Federal do Ceará, 2005.